



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**RAIANA OLIVEIRA DOS SANTOS**

**LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA E A FORMAÇÃO  
IDENTITÁRIA DE CRIANÇAS NEGRAS**

**SALVADOR  
2021**

**RAIANA OLIVEIRA DOS SANTOS**

**LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA E A FORMAÇÃO  
IDENTITÁRIA DE CRIANÇAS NEGRAS**

Monografia apresentada como requisito parcial  
para obtenção do grau de Licenciatura em  
Pedagogia, pela Universidade do Estado da  
Bahia (UNEB), Campus I.

Orientador: professor Ms Antônio Cosme L. da  
Silva

**SALVADOR**

**2021**

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB

S2371

Santos, Raiana Oliveira dos

LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA E A FORMAÇÃO  
IDENTITÁRIA DE CRIANÇAS NEGRAS / Raiana Oliveira dos Santos. -  
Salvador, 2021.

49 fls.

Orientador(a): Antônio Cosme Lima da Silva. Inclui  
Referências

TCC (Graduação - Pedagogia) - Universidade do  
Estado da Bahia.

Departamento de Educação. Campus I. 2021.

1.Literatura afro-brasileira. 2.Identidade da criança negra. 3.Lei  
10.639/2003. 4.Relações étnico-raciais.

CDD: 371

**RAIANA OLIVEIRA DOS SANTOS**

**LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA E A FORMAÇÃO  
IDENTITÁRIA DE CRIANÇAS NEGRAS**

Salvador, 16 de dezembro de 2021

Banca examinadora:

---

Prof. Dra. Maria Anória de Jesus Oliveira (UNEB)

---

Prof. Ms. Luana Vidal dos Santos Borges

---

Orientador: Prof. Ms. Antônio Cosme Lima da Silva

Dedico este trabalho a minha mãe Renilde Suzart de Oliveira, a tia Renilda B. Gonçalves e a Fabiano Akenaton, meus alicerces, durante essa jornada.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus e a todas as energias emanadas pelo universo, por ter me dado saúde e forças para superar todos os momentos difíceis que passei ao longo do curso. À a minha “Mainha”, Renilde Suzart de Oliveira por todo amor e dedicação em minha criação; à minha querida irmã Raiza Oliveira. Gostaria de agradecer a meu companheiro Fabiano Akenaton pela compressão e a tia Renilda Batista por todo apoio e ajuda na realização do meu sonho.

Agradecer à grande amiga e irmã que a UNEB me presenteou, Iara Oliveira Santos, pela parceira desde o primeiro dia de aula, com quem dividi as dúvidas e as alegrias da maioria dos trabalhos em dupla, obrigada pelas trocas, pelo carinho e amizade. Às amigas que fiz durante a jornada: Luciana Cerqueira, Larissa Santos, Nilma Santos, Maria Isabel Mendes, Raiane Silva Santos e a todos os outros que fizeram com que essa caminhada se tornasse mais alegre.

Quero agradecer a todos os professores ao longo do curso, por todo o empenho e ajuda durante minha trajetória, agradecer a Universidade Estadual da Bahia – UNEB por ter sido divisor de águas em minha vida, por todas as experiências que pude vivenciar nesse espaço que, de certo modo, contribuíram e fortaleceram a minha identidade negra. Sobretudo, agradecer ao meu professor orientador Antônio Cosme L. da Silva por todo carinho, respeito e dedicação durante o processo de elaboração da pesquisa, gratidão!

Gostaria de deixar o meu profundo agradecimento à professora Cláudia Pons Cardoso, pelo incentivo e carinho durante a produção do projeto de pesquisa do TCC I. Não poderia deixar de agradecer a querida Ana Fátima por disponibilizar seu tempo e seus conhecimentos com muito afeto durante as entrevistas. Ubuntu! “Eu sou porque nós somos”.

E aos amigos do decorrer da vida, principalmente Julinda Araújo, por toda ajuda, apoio e paciência durante este período tão importante da minha vida, e todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização da minha pesquisa.

Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas graças a Deus, não sou o que era antes.

Martin Luther King Jr

## RESUMO

O trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aborda a relevância das relações étnico-raciais ainda na infância e o papel da literatura infantil afro-brasileira na formação da identidade da criança negra. Para tanto, discute a trajetória da literatura infantil no Brasil e, particularmente, a literatura Afro-Brasileira. Suas origens, importância para a valorização da diversidade étnico-racial e o combate ao racismo no ambiente escolar, bem como os seus entraves após a sanção da Lei 10.639/03, que tornou obrigatória a temática História e cultura afro-brasileira no currículo escolar. A pesquisa parte de uma abordagem de cunho qualitativa, constando de revisão bibliográfica abarcando na sua composição múltiplas fontes de informações textuais e de variados gêneros. Em virtude da crise sanitária que culminou com a pandemia, iniciadas em 2020, o que impossibilitou a pesquisa de campo, entrevistamos uma professora que acumula experiências em sala de aula, como escritora e editora infantil afro-brasileira, o que qualifica a nossa pesquisa como um estudo de caso. E como saliente GIL (2002), essa metodologia sempre apresentará limitações, sobretudo, quando envolvem variáveis de natureza institucionais. Ao final da pesquisa compreende-se o quanto a literatura infantil afro-brasileira contribui para a valorização da identidade da criança negra no ambiente escolar, ainda que hegemonizado por uma visão de mundo eurocêntrico.

**Palavras-chave:** Literatura afro-brasileira. Identidade da criança negra. Lei 10.639/2003. Relações étnico-raciais.

## **ABSTRACT**

This Course Conclusion Paper addresses the relevance of ethnic-racial relations in childhood and the role of Afro-Brazilian children's literature in shaping the identity of black children. Therefore, it discusses the trajectory of children's literature in Brazil and, particularly, Afro-Brazilian literature. Its origins, importance for the valorization of ethnic-racial diversity and the fight against racism in the school environment, as well as its obstacles after the enactment of Law 10.639/03, which made the theme Afro-Brazilian history and culture mandatory in the school curriculum. The research departs from a qualitative approach, consisting of a bibliographic review covering in its composition multiple sources of textual information and of varied genres. Due to the health crisis that culminated in the pandemic, which started in 2020, which made field research impossible, we interviewed a teacher who has accumulated experiences in the classroom, as an Afro-Brazilian children's writer and editor, which qualifies our research as a case study. And as highlighted by GIL (2002), this methodology will always have limitations, especially when they involve institutional variables. At the end of the research, it is understood how much Afro-Brazilian children's literature contributes to the appreciation of the identity of the black child and the ethnic-racial diversity in the school environment, even though hegemonized by a Eurocentric worldview.

Keywords: Afro-Brazilian literature. Identity of the black child. Law 10639/2003. Ethnic-racial relations.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

<b>CONSU</b>	Conselho superior da Universidade
<b>ECA</b>	Estatuto da Criança e do Adolescente
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases de Educação
<b>OMS</b>	Organização Mundial da Saúde
<b>PRAES</b>	Pró-reitora de Assistência Estudantil
<b>TICs</b>	Tecnologias da informação e Comunicação
<b>UNEB</b>	Universidade do Estado da Bahia

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO EM TEMPOS DE PANDEMIA.....</b>	<b>16</b>
<b>2 A LITERATURA INFANTIL: CONSTRUINDO HISTÓRIAS E CONQUISTANDO ESPAÇOS.....</b>	<b>21</b>
2.1 Personagens Negros e Literatura Infantil No Brasil.....	22
<b>3. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA .....</b>	<b>25</b>
3.1 Literatura afro-brasileira e a construção da identidade de crianças negras .....	31
<b>4 LEGISLAÇÃO ANTIRRACISTA, LITERATURA INFANTIL E MERCADO CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>48</b>

## INTRODUÇÃO

Não se constitui novidade que apesar dos avanços em prol de uma educação antirracista no Brasil nos últimos 20 anos, contudo, o eurocentrismo e o racismo ainda premeiam as nossas instituições escolares. Os recentes avanços têm permitido que as crianças negras, aos poucos, comecem a ter alguma representatividade nos livros de literatura infantil, fazendo com que, gradativamente, tornem-se protagonistas das histórias que a elas são contadas. Dessa forma, a formação identitária da criança perpassa por todos os referenciais que a elas são ofertados, e a literatura infantil torna-se uma grande aliada para essa construção ou reconstrução identitária.

Sabemos que o ambiente escolar é um espaço de socialização. E as práticas educacionais, sobretudo as narrativas infantis adotadas nesse espaço, contribuem para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança. Sendo assim, a literatura infantil afro-brasileira torna-se de fundamental importância para a construção de uma identidade positiva da criança negra, tendo em vista sua importância para a valorização da diversidade étnico-racial que permeia nossa sociedade.

A motivação para a escolha do tema desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foram duas: a primeira surgiu quando cursei o componente curricular Literatura e Educação, ministrada pela professora Maria Antônia Ramos Coutinho, que propôs como atividade avaliativa a confecção de um livro infantil elaborado individualmente por cada aluna e que o meu, com o título de *Crespíssima*, versou sobre a atual vertente literária que se orienta para questões identitárias, particularmente, a literatura afro-brasileira. A narrativa conta a história de uma pequena princesa chamada Crespíssima, a garota tinha seu quarto como refúgio, pois vivia trancada, solitária e com baixa autoestima, pois, não se sentia representada no reino em que morava. Não se sentia à vontade para usar seu cabelo como realmente queria, até que certo dia seus pais foram convidados pela rainha do reino vizinho para o baile da diversidade. No início, Crespíssima não se animou muito, mas após diálogo com sua mãe, a pequena resolveu ir à festa e para a sua surpresa, ao chegar ao baile, ficou maravilhada, pois, encontrou naquele lugar, garotas com uma variedade enorme de texturas e curvaturas de cabelos. Elas tinham a liberdade para usar seus crespos,

cacheados, ondulados, tranças, seus *blacks powers*, como desejassem. Naquele momento, Crespíssima entendeu que o mundo não se resumia às paredes de seu quarto e sentindo-se representada passou a se amar e valorizar o seu jeito.

Ao findar o estudo no referido componente curricular, percebi o quanto é importante abordar questões identitárias, visando contribuir na formação de uma identidade étnico-racial positiva das crianças negras, além de fortalecer sua autoestima.

O segundo motivo para a produção desse TCC, surgiu a partir de uma vivência durante o estágio extracurricular em uma escola da Rede de escolas privada de Salvador, em que presenciei uma discussão entre um grupo de alunos negros, no qual o tema abordado por eles era a cor de um cantor baiano, Léo Santana, artista bastante conhecido no estado. Durante a conversa, um dos alunos afirmava que Léo Santana era negro, enquanto os outros não reconheciam a negritude do cantor, alegando que o mesmo era pardo. Um dos alunos, não convencido, questionou-me sobre a cor do artista. Afirmei que Léo Santana é negro e mencionei letras de músicas no qual o próprio cantor se autodeclara dessa forma. O aluno salientou que a negação da cor do artista ocorria pelo fato de ser bonito, e concluiu que se ele fosse feio seria negro.

Ao refletir as falas dos alunos, percebi o quanto ainda estava introjetado no imaginário das crianças a imagem estereotipada do negro, levando-os a associar ao negativo. A partir desse fato, somado à minha experiência durante a elaboração do livro de literatura infantil afro-brasileira, percebi a urgência de trabalhar a temática das relações étnico-raciais desde as séries iniciais a fim de favorecer a construção da identidade negra nas crianças.

Com efeito, Maria Aparecida Silva Bento (2002) explica o processo de branqueamento que ocorre com as pessoas negras em nossa sociedade, a negação da negritude acontece quando a branquitude se sobrepõe a negritude, marginalizando, estigmatizando, ou seja, quanto mais retinta a cor da pele mais inferiorizada, sendo necessário romper com o imaginário, do qual o negro aparece como feio, maléfico ou incompetente, talvez por isso um dos alunos não tenha identificado a negritude do cantor.

A partir da minha inserção no curso de pedagogia e, em consequência, ter cursado o componente curricular Literatura e Educação, seguido do estágio em uma escola da rede particular de ensino, percebi a relevância em se discutir relações étnico-raciais em sala de aula desde a tenra idade. Compreendi a importância de

relacionar identidade à literatura infantil afro-brasileira. Considero o tema desse Trabalho de Conclusão de Curso de suma relevância tendo em vista que as professoras/es devem contribuir para quebrar os processos de opressão e exclusão ainda existentes no ambiente escolar.

De acordo com Jurjo Torres Santomé “[...] as instituições educacionais são um dos lugares mais importantes de legitimação dos conhecimentos, procedimentos, destrezas e ideias de uma sociedade” (SANTOMÉ, 1995, p. 165), por isso, as/os professoras/es têm um papel fundamental no combate ao racismo que ainda hoje está arraigado em nossa sociedade, e se faz presente no ambiente escolar manifestando-se muitas vezes de forma bastante explícita.

Nós educadoras e educadores devemos estar preparadas para lidar com essas questões e compreender de que forma o racismo e as suas manifestações, ou seja, o preconceito e a discriminação racial se manifestam no ambiente escolar. É preciso estabelecer uma relação dialógica com as nossas crianças, contribuindo para que tenham contato com a diversidade acerca da temática, afinal, eles estão em processo de formação de suas identidades e a história do negro precisa ser protagonizada em nossas falas e em nossos livros.

A partir da problemática exposta, esta pesquisa almeja responder a seguinte indagação: como a literatura infantil afro-brasileira e a representação positiva do negro nas histórias, pode contribuir na formação identitária da criança negra?

Para responder tal questionamento o presente estudo tem como objetivo geral: descrever as contribuições da literatura afro-brasileira no processo de formação da identidade étnico-racial da criança negra. E para isso, foram delineados os seguintes objetivos específicos: situar a trajetória da literatura infantil afro-brasileira; evidenciar a contribuição da literatura infantil afro-brasileira para a ressignificação do leitor; refletir as possíveis conquistas após 18 (dezoito) anos da sanção Lei 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática da História e Cultura Afro-Brasileira.

Essa pesquisa foi iniciada no segundo semestre de 2019 com intuito de ser uma pesquisa de campo, e ter a escola como *lócus* principal das abordagens e da coleta de dados, o que ficou impossibilitado em decorrência do fechamento das escolas em virtude da crise sanitária mundial tendo em vista a pandemia do covid19, o que fez com que a metodologia fosse repensada, adequando-se a nova realidade em meio à crise sanitária que ainda atravessamos.

Em virtude disso e com fins de tornar a pesquisa exequível, a investigação consta, basicamente, de uma pesquisa exploratória bibliográfica, além de uma entrevista com uma professora com experiências em sala de aula, doutoranda na área, escritora, autora de 02 três livros infantis e 01 infantojuvenil e também editora, o que qualifica a nossa pesquisa como um estudo de caso. E como saliente GIL (2002, p. 41) essa metodologia sempre apresentará limitações, sobretudo quando envolvem variáveis de natureza institucionais, no nosso caso, a escola, as escolhas e produção literárias a serem utilizadas na sua curricularização, dentre outras.

Dito isso, esse TCC está subdividido em quatro capítulos, além dessa introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo discorro sobre os desafios da escrita acadêmica durante o período da pandemia provocada pelo coronavírus que chegou ao Brasil em 2020 e que modificou não apenas o modo como as pesquisas passaram a ser feitas, mas todo o modo de vida das pessoas.

No segundo capítulo abordo, de acordo com Marisa Lojola; Regina Zilberman (2007) e Ione da Silva Jovino (2006), a chegada da literatura infantil no Brasil e o surgimento dos personagens negros nessa literatura.

No terceiro capítulo discuto, de acordo com Eliane Cavalleiro (2020), Neusa Santos Souza (1983), Kabengele Munanga (2020) dentre outros, o complexo processo de construção da identidade do sujeito negro, sobretudo da criança negra, em uma sociedade marcada pelo eurocentrismo e pelo racismo. Ainda nesse capítulo abordo a importância da literatura afro-brasileira no processo de construção da identidade da criança negra.

No quarto capítulo, faço reflexões acerca da efetivação da Lei 10.639/2003 no ambiente escolar e fora dele, os avanços e os desafios ainda encontrados após os 18 anos da implementação dessa legislação e; nas Considerações Finais, destaco a relevância da pesquisa do ponto de vista pessoal e social, uma vez que nós, professoras/es devemos contribuir para romper paradigmas ainda presente no ambiente escolar.

## 1 PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Foi em dezembro de 2019 que começaram os primeiros rumores acerca de um novo vírus que contaminava as pessoas através do ar que se respirava e com alto índice de letalidade. Esse vírus que mais tarde fora identificado como SARS-CoV-2, surgiu na cidade de Wuhan, na China, e depois de se espalhar pelo mundo, vem modificando a vida em diversas sociedades, impondo mudanças de hábitos e a necessidade de isolamento social. Em março de 2020, diante da rápida disseminação do vírus em diversos países, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a pandemia do Covid 19. O isolamento social era naquele momento a estratégia mais eficaz, segundo os cientistas, para evitar a transmissão do vírus e salvar o maior número de vidas.

De acordo com Reis (2020), a pandemia no Brasil evidenciou ainda mais as desigualdades sociorraciais da nossa sociedade. Explicitou-se ainda mais o fato de que a população negra é a mais afetada pela desigualdade social presente no país. As crianças brasileiras foram impedidas de irem às escolas durante esse período de isolamento social. No caso particular das crianças negras, devido a inúmeros aspectos excludentes que as impediam de ter acesso ao ensino remoto, como a falta de recursos tecnológicos, conectividade adequada, dentre outras. Diferente da maioria das crianças brancas, que apesar de enfrentarem desafios com o novo modo de ensino, continuaram suas aulas através das plataformas de ensino digital. Em suma, a pandemia mudou não somente o rumo da educação, mas alteraria de maneira decisiva a maneira como a vida vinha sendo vivida até então.

As instituições escolares começavam a trilhar um caminho para reinventar um novo paradigma na educação, se instaurava o ensino remoto nas escolas privadas, porém, para os estudantes do ensino público essa realidade ainda estava muito aquém do esperado, sendo está a realidade também nas universidades públicas.

Durante os primeiros 10 (dez) meses de pandemia, as aulas na Universidade Estadual da Bahia (UNEB) foram suspensas em decorrência de diversos impasses que impediram até mesmo o retorno às aulas no formato remoto. E mesmo quando o Conselho superior da Universidade (CONSU), decidiu pelo retorno das aulas de forma

remota, no entanto, parte dos/as alunos/as matriculado/as na instituição não conseguiram acessar as salas virtuais em virtude da exclusão digital que afeta, sobretudo, as/os alunas/os em situação de vulnerabilidade socioeconômica. A Universidade lançou editais visando o auxílio financeiro a esses estudantes, mas a burocracia e exigências impossibilitaram que um número significativo de estudantes tivesse acesso ao benefício.

Embora a pandemia impunha a realidade do ensino remoto, contudo, alerta Ana Lacerda e Lais Ramalho que, “A utilização de recursos educacionais digitais é incompatível com a realidade de grande parte da população brasileira, pois esbarra em limitações como a falta de acesso à internet e aos dispositivos necessários para acessá-la” (LACERDA; RAMALHO, 2020, p.6). Desse modo, a opção pelo ensino remoto sem o respaldo ao acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) é, segundo as autoras, mais uma forma de segregação, pois, nem todos os alunos matriculados na universidade têm acesso à internet e a recursos necessários para um ensino remoto de qualidade.

Apesar dos problemas e limitação com a modalidade de ensino remoto, contudo, fui uma das alunas que foi contemplada com o auxílio de suporte emergencial à inclusão digital para os estudantes, lançado pela Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PRAES) da UNEB, com objetivo de continuar as atividades acadêmicas durante a suspensão das atividades presenciais. Efetivamente, no meu caso particular, o auxílio emergencial teve a sua importância para que essa pesquisa pudesse ser concluída, pois pude viabilizar os ajustes necessários no meu computador com programas e *software* que permitiram acessar as salas de aulas online devido ao cenário pandêmico aqui relatado. Contudo, compreendo que essa não foi a realidade da maioria dos estudantes matriculados na UNEB.

Foi a partir do quadro descrito até aqui que me debrucei a fazer o levantamento bibliográfico, consulta a diversas fontes disponíveis na Rede Mundial de computadores, além de selecionar uma pesquisadora que acumulasse múltiplas experiências no tema abordado nessa pesquisa e que segundo Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi:

Toda pesquisa implica o levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas. Esse material-fonte geral é útil não só por trazer conhecimentos que servem de back-ground ao campo de interesse, como também para evitar possíveis duplicações e/ou esforços desnecessários; pode ainda, sugerir problemas e hipóteses e

orientar para outras fontes de coleta (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 174).

O levantamento bibliográfico foi realizado a partir das abordagens conceituais sobre Literatura infantil afro-brasileira, identidade, branqueamento, ideal de ego, eugenia, racismo, entre outros. A pesquisa bibliográfica ou fontes secundárias utilizadas durante a pesquisa permitiu estruturar a monografia propiciando, a partir das obras consultadas, novas ideias, conceitos e informações gerais, como afirmam (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 183) “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

No que tange a finalidade da pesquisa, ou seja, a contribuição que esse estudo trará para a ciência, trata-se de uma pesquisa básica estratégica, pois visa a possibilidade de produzir conhecimento útil para contribuições futuras. Quanto ao ponto de vista de seu objetivo, refere-se a uma pesquisa de cunho exploratório e descritivo. De acordo com Gil (2002, p. 42) “As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática”. Tendo em vista que, segundo Claire Selltiz, citada por Carlos Gil, ao discorrer sobre métodos de pesquisas nas relações sociais,

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento biográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que “estimulem a compreensão” (SELLTIZ *et al* apud GIL, 2002, p. 41).

E tratando-se de um tema tão sensível e complexo envolvendo a autoestima do público infanto-juvenil é prudente que as experiências já conhecidas sejam levantadas e ajustadas, bem como aferir os exemplos já conhecidos e que no meio acadêmico várias autoras já se debruçaram sobre o tema<sup>1</sup>.

Ainda no que se refere à classificação dos tipos e modalidades de pesquisas de acordo com Gil (2002) é importante classificar a pesquisa de acordo com o objetivo

---

<sup>1</sup> Bento (2002), Cavalleiro (2000, 2001), Debus (2017), Gomes (2017), Jovino (2006).

geral e essa classificação deve ser feita seguindo os aspectos mencionados, acima, o referido autor ainda salienta que a pesquisa exploratória tem como finalidade ampliar o conhecimento de um determinado assunto, levando em consideração as particularidades importantes para a pesquisa.

A abordagem utilizada durante a pesquisa foi essencialmente qualitativa para análise dos dados, no qual:

[...] numa pesquisa de cunho qualitativo, a interpretação do pesquisador apresenta uma importância fundamental. Afinal, não se trata apenas de um conjunto de informações fechadas cujo valor numérico é o único aspecto a ser levado em consideração, devido à própria natureza do fenômeno investigado (CARVALHO et. al., 2019, p. 29).

Por tanto, nessa abordagem é muito importante a interpretação e opinião do pesquisador sobre o fenômeno estudado. Objetivando contribuir para melhor compreensão da temática que está sendo pesquisada. Como procedimento de coleta de informação adotados durante a pesquisa utilizei a revisão bibliográfica e documental, abarcando na sua composição múltiplas fontes de informações textuais de variados gêneros sendo elas: livros e dissertações, artigos científicos, documentos oficiais, entre outros, e a entrevista, que de acordo com Gil (2002) é uma importante técnica de coleta de dados, de acordo com o autor “entrevista, pode ser entendida como a técnica que envolve duas pessoas face a face em que uma delas formula questões e a outra responde”. GIL (2002, p. 115). Dessa forma, elaborei previamente um roteiro de entrevistas, considerando 9 perguntas, divididas entre os conceitos de identidade, literatura infantil afro-brasileira e a Lei 10.639/03.

A entrevista contou com a participação da Ana Fátima Cruz dos Santos, escritora baiana, autora de dois livros infantis **As traças de minha mãe** (2018), **Makeba vai à escola** (2019) e o livro infantojuvenil, **Tunde e as aves misteriosas** (2020). Ana Fatima, além de escritora, é professora da rede estadual de Camaçari e pesquisa sobre textos de escritoras e escritores negros, por isso a escolha da mesma para compor a pesquisa. A entrevista foi realizada em dois momentos, o primeiro encontro no dia 28 de outubro de 2021 e um segundo no dia 03 de novembro de 2021, a entrevista foi realizada através da plataforma de videoconferência *Google meet*, com duração estimada de 40 (quarenta) minutos cada e todo o depoimento foi gravado com devido consentimento da entrevistada, com o auxílio do aparelho celular da

mesma e, posteriormente, os principais trechos foram transcritos possibilitando a análise dos dados obtidos.

A partir dos conceitos utilizei para a fundamentação teórica baseadas nos seguintes autores: Bento (2002), Cavalleiro (2000, 2001), Debus (2017), Gomes (2017), Jovino (2006), Lojola e Zilberman (2007), Munanga (2012, 2020), Santomé (1995), dentre outros autores que elaboram trabalhos pertinentes aos assuntos, como também o uso de documentos Oficiais Federais como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei de Diretrizes e Base da Educação, de 1996 (LDB), Lei 10.639/2003, partindo dos conceitos apresentados na pesquisa, conforme veremos mais adiante.

## **2 A LITERATURA INFANTIL: CONSTRUINDO HISTÓRIAS E CONQUISTANDO ESPAÇOS**

A literatura infantil como conhecemos atualmente passou por diversas transformações e rupturas de paradigmas. A literatura infantil está presente no percurso escolar e, por conseguinte, em nossas vidas. As obras literárias destinadas ao público infantil, assim como a definição de infância, segundo Edwylson Marinheiro, Fabiana Peres e Simone Moura (2012), surgem após o advento de uma nova classe social no final da Idade Média, a burguesia. As primeiras obras literárias, no entanto, destinadas a esse público surgem apenas no final dos séculos XVII e início do XVIII, quando da necessidade de um novo modelo de educação voltado para as crianças, sendo assim, instaura-se o novo gênero literário, a literatura infantil.

Com as mudanças advindas da revolução industrial e a implementação do capitalismo, a burguesia passou a refletir sobre a educação das crianças, tanto nos espaços de educação formal quanto na família. Sendo assim, para atender a essa nova conjuntura a literatura passou a ser adaptada para o público infantil contribuindo na formação das crianças (MARINHEIRO; PERES; MOURA, 2012, p.2).

A literatura infantil tem uma especificidade, o seu leitor é uma criança. Segundo a crítica literária Nelly Novaes Coelho “[...] em essência, sua natureza é a mesma da que se destina aos adultos. As diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor: a criança” (COELHO, 2010, p. 29).

No entanto, Eliane Debus (2017) salienta que a criança não é o primeiro leitor dessas obras pois essas leituras primeiro são feitas por um adulto que deposita nelas suas experiências de vida, visão de mundo e interpretações carregadas com suas ideologias.

De acordo com Marisa Lojola e Regina Zilberman (2007), a literatura infantil teve seu início na Europa no início do século XVIII, com Charles Perrault, responsável pelas primeiras obras literárias infantis

e contos de fadas que encantaram crianças e adultos daquela época. No Brasil, de acordo com essas autoras, as obras brasileiras destinadas ao público infantil demoraram um pouco mais, iniciando-se apenas no século XX. Embora haja relatos do aparecimento de uma literatura infantil ainda no final do século XIX, essas

publicações eram irrisórias o que não definia como uma produção de literatura brasileira (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p.21- 23)

Nessas produções, as imagens dos personagens possuíam características eurocêntricas como marca dos ideais de branqueamento. Maria Aparecida Silva Bento (2002), salienta que o branco é o modelo universal de humanidade, assim tendo suas características raciais como por exemplo, a cor da pele, cor dos olhos, cabelos, entre outros fenótipos tido como modelo universal de humanidade (BENTO, 2002, p.32). Além disso, nessa época os personagens negros eram retratados de forma marginalizada e desumanizada, consequência das teorias eugenista presente na sociedade, a representação dos negros na literatura infantil nesse período não contribuía para a formação de uma identidade negra, pois não havia referenciais positivos dos negros nessas obras.

## 2.1 Personagens Negros e Literatura Infantil No Brasil

De acordo com Ione da Silva Jovino (2006), a chegada da literatura infantil no Brasil, no final do século XIX e início do XX, tinha como finalidade contribuir com a educação formal das crianças. De modo que os personagens negros aparecem apenas no século XX, em um contexto histórico em que a sociedade brasileira acabava de sair de mais de três séculos de escravidão. Neste período, o negro e a sua cultura eram retratados nas histórias como inferiores, sua cultura não era valorizada, esses personagens eram estigmatizados.

Monteiro Lobato (1882-1948) é considerado por Coelho (2010) como o escritor que inaugurou a literatura infantil para uso em escolas, com a obra **A menina do narizinho arrebitado** (1920), e por isso, é até hoje referenciado em grande parte das escolas, no entanto de forma acrítica.

Considerado o pai da literatura infantil brasileira, atualmente as obras Lobatianas estão sendo revista, ou seja, submetida às críticas por estudiosos que identificam um caráter racista nelas contidas. Um dos exemplos é **História de tia Nastácia**, onde a personagem Emília menosprezava as expressões da cultura oral, contadas por “tia Nastácia”, que é chamada pela personagem branca de ignorante, sem cultura. A boneca de pano, salienta que “[...] só aturo essas histórias como

estudos da ignorância e burrice do povo” (LOBATO, 1995, p. 24). Em um outro trecho do mesmo livro, em um diálogo com Pedrinho, Emília afirma que “[...] — Beijo é de boi — protestou Emília. — Gente tem lábios”. (LOBATO, 1995, p.76), isso após o personagem Pedrinho dizer, que comeu algo de lambar os beijos, no entanto em várias passagens da referida obra a personagem, “Tia Nastácia”, é tratada como preta beijuda, ou seja, tem seus fenótipos animalizado.

Os personagens negros retratados nessa época, não eram alfabetizados. Portanto, não possuíam conhecimento sobre leitura e escrita. As histórias que eram repassadas por eles faziam parte da tradição oral transmitida de geração em geração, dessa forma, os negros transmitiam suas histórias e preservavam sua ancestralidade. Era dessa maneira que a personagem “tia Nastácia” contava suas histórias para os personagens não negros, que a inferiorizava devido ao seu repertório sociocultural.

Essa é uma demonstração da forma estereotipada como os personagens negros eram representados por Monteiro Lobato em suas obras. É indispensável ressaltar que, devido toda sua contribuição para literatura infantil essas obras não devem ser desconsideradas, mas trabalhadas a partir de uma perspectiva crítica, contextualizadas de acordo com o momento histórico de sua criação, pois é evidente o conteúdo eugenista presente nessas histórias.

De acordo com Ione da Silva Jovino (2006), apenas por volta de 1975 começamos a encontrar uma literatura infantil um pouco mais comprometida com outra forma de representar a vida na sociedade brasileira. Na qual, os negros e suas culturas passam a surgir com mais frequência nos livros de literatura infantil, o que não significa que eram bem representados. Para Jovino (2006) essa nova proposta de colocar o negro com mais frequência nas obras, parte do comprometimento em abordar assuntos considerados proibidos para crianças e adolescentes naquele período, tais como a pobreza, o preconceito e a discriminação racial, esses temas passam a fazer parte das histórias infantis. No entanto, mesmo com a preocupação em representar e abordar temas relevantes para a população negra, essas obras acabavam não conseguindo romper com a proposta inicial da imagem do negro estereotipada. Essas histórias limitavam a figura do negro e sua cultura, colocando os personagens brancos em posição de superioridade em detrimento dos personagens negros (JOVINO, 2006, p. 189).

Além de serem inferiorizados, tendo suas imagens associadas ao feio, ao sujo e ao ruim, Ione da Silva Jovino (2006) ainda relata que quando tinha alguma relevância

nessas obras, os personagens negros possuíam uma estética que os afastavam da negritude e que geralmente a figura feminina trazia traços europeizados tidos como padrão de referência, consequência da ideologia do branqueamento.

### 3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

A sociedade brasileira se originou a partir dos sistemas patriarcal e escravista, resultado de uma violência do Estado português contra as populações originárias, inicialmente, e depois contra as populações africanas.

Durante os anos do escravismo no Brasil, diversas leis foram forjadas a fim de legitimar o racismo e a escravidão no Brasil. No processo de transição do Brasil escravista-colonial para o Brasil independente e pós-escravista, uma série de teorias foram elaboradas a fim de caracterizar a diversidade humana como meras “raças” e, nesse sentido, o elemento branco como “a raça superior” e as populações negras e indígenas como as “raças inferiores”. Nessa concepção, a mestiçagem se constituía como um problema para o desenvolvimento do país, tendo em vista que da miscigenação, surgiria um povo degenerado.

O conceito de degeneração surge juntamente com as teorias racistas do século XIX. A eugenia, por exemplo, surge como uma pseudociência. O termo “eugenia”, que segundo (SCHWARCZ, 1993) foi criado por Francis Galton, em 1883, no qual “eu” significa boa; *genus*, geração, seria então a melhoria da espécie ou das futuras gerações. Com efeito, consideremos, que o conceito de raça, nesse caso, é puramente político e ideológico, pois funciona como critério de dominação e exclusão dos grupos sociais presentes em sociedades multirraciais como é o caso do Brasil (MUNANGA, 2020).

Segundo (SCHWARCZ, 1993) com a eugenia visava-se o processo de embranquecimento de toda sociedade. Sendo assim, o branqueamento apresenta-se como a solução para o problema da miscigenação. O branqueamento seria a mescla entre os brancos e não brancos e foi com esse objetivo que entre 1870 e 1930 cerca de cinco milhões de imigrantes foram trazidos para o Brasil com respaldo do Estado que custeou passagens de navios, terras, escola em língua materna, dentre outros benefícios aos imigrantes (BRASIL, 1890).

Segundo (MUNANGA, 2020) se o embranquecimento da população brasileira tivesse ocorrido como previsto pelos eugenistas da época, o Brasil teria uma realidade racial completamente diferente. E mais, se o branqueamento ocorresse como previu João Batista Lacerda, no Congresso internacional das raças, em 1911, no Brasil atual

a população negra já teria desaparecido desde 2012, ou seja, 100 anos após a sua fatídica previsão (LACERDA, 2011).

Diferente das previsões dos eugenistas, no entanto, ao invés de uma sociedade inteiramente branca, surge uma sociedade diversa e plural, resultado da mistura entre as “raças” presentes no Brasil. De acordo com Kabengele Munanga:

Apesar de o processo de branqueamento físico da sociedade ter fracassado, seu ideal inculcado através de mecanismos psicológicos ficou intacto no inconsciente coletivo brasileiro, rodando sempre nas cabeças dos negros e mestiços. Esse ideal prejudica qualquer busca de identidade baseada na “negritude e na mestiçagem” já que todos sonham ingressar um dia na identidade branca, por julgarem superior (MUNANGA, 2020, p.21).

Construir uma identidade negra em uma sociedade em que predomina o desejo por um ideal de ego branco, ou se aproximar ao máximo de um padrão estabelecido pela brancura, provoca grandes impactos na construção de uma identidade negra. Nesse sentido, a literatura infantil afro-brasileira pode ser uma grande aliada no processo de construção de uma identidade que durante muito tempo foi rejeitada.

A psiquiatra Neusa Santos Souza (1993), autora do livro *Torna-se negro*, aborda em sua obra o processo de construção da identidade negra a partir de entrevistas onde prevalecem relatos de dor e sofrimento vividos por pessoas negras no decorrer do processo de construção de suas identidades. Para a autora, o tão sonhado ideal do ego, no qual o sujeito negro almeja conseguir torna-se branco, destrói qualquer tentativa de construção de uma identidade negra, pois o negro internaliza de forma desumana e cruel um ideal de ego branco, ao buscar formar através da imagem do branco uma identidade que é completamente antagônica ao seu fenótipo, ou seja, das suas características observáveis (SOUZA, 1993, p.33-34).

Em busca de alcançar o ideal de ego que foi entranhado no seu consciente, o negro acredita fielmente que essa possibilidade pode ser atingível depositando nela até mesmo sua felicidade, o que pode ser problemático e levar ao adoecimento psíquico do negro, pois esse modelo de identificação, segundo Souza (1983), trata-se de um fetiche, denominado pela mesma de o fetiche do branco ou da brancura: A brancura é o oposto do que a autora denomina de mito negro e o mito negro, seria os estereótipos atribuído aos negros no decorrer de toda a sua história (SOUZA, 1993, p. 27).

No que se refere ao resgate dessa identidade negra, perdida na busca do ideal de ego branco, para Munanga (2020) esse processo deve começar pelo

reconhecimento e valorização de suas características físicas, isto é, de sua negritude, para depois alcançar os aspectos culturais, mentais, intelectuais, dentre outros, pois o corpo compõe toda dimensão da identidade. Desse modo, é doloroso pensar que durante muito tempo a criança negra só via nos livros infantis princesas com cabelo liso, desejando assim, mudar a textura dos seus fios, fossem eles crespos, cacheados ou ondulados, levando-as desde muito novas, ao tormento de se submeterem a procedimentos estéticos que acarretavam sofrimentos físicos e até feridas que se abrem no couro cabeludo, por exemplo, durante esses procedimentos que provocam marcas que nem o tempo é capaz de apagar, além dos problemas psicológicos como a baixa autoestima.

Nesse sentido, fica evidente o processo de alienação sofrida pelos negros durante o processo de construção de sua identidade, ou seja, da sua negritude. pois entre outros problemas que prejudicam a construção da identidade negra está a alienação do corpo, a inferiorização e baixa autoestima. O que ocorre desde de muito cedo, quando não se tem referenciais positivos do grupo étnico racial ao qual se pertence.

A negritude tem seu princípio na cor da pele do indivíduo, no entanto, para se constituir uma identidade positiva não basta apenas tomar consciência da semelhança ou diferença entre as tonalidades de cores de pele existentes na sociedade. “A *negritude e/* ou a identidade negra se refere à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros” (MUNANGA, 2020, p.19).

A negritude não diz respeito apenas à cultura do povo negro, que assim como a sociedade brasileira é diversa e plural. A negritude está relacionada ao que esse grupo possui em comum, uma história manchada pelas atrocidades cometidas pelos colonizadores nas tentativas de desumanização de sua cultura, apropriação ou até mesmo a negação de sua existência.

A construção da identidade é um processo dinâmico, inacabado, sendo constituída através do processo de socialização, o que também ocorre através da tomada de consciência de cada sujeito. “Assim, interagindo com o outro, a criança aprenderá atitudes, opiniões, valores a respeito da sociedade ampla e, mais especificamente, do espaço de inserção de seu grupo social” (CAVALLEIRO, 2020, p.16). Da mesma forma Eliane Cavalleiro afirmar que:

Numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativa preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre negros (CAVALLEIRO, 2000, p.19).

De acordo com Stuart Hall (2015), a construção da identidade está intrinsecamente ligada a interação entre o julgamento que o sujeito tem de si e sobre a concepção do outro, ou seja, de quem está a sua volta. Já para Munanga:

A identidade é uma realidade sempre em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA 1994, p. 177-178).

Sendo a socialização compreendida como a relação que se tem sobre si com o outro, a entrada da criança na escola fomentará ainda mais esse processo, estimulando a interação com crianças da mesma faixa etária e outros adultos fora do âmbito familiar, favorecendo uma nova forma de ver o mundo, posto que, crianças na tenra idade internalizaram visões preconceituosas dos adultos que fazem parte do seu convívio (Cavalleiro, 2020).

Para Hall (2015), essa construção é um processo inacabado, concebido por intermédio de experiências que nos rodeiam. Desse modo, como já foi mencionado, a construção da identidade acontece de forma gradual, entretanto construir uma identidade negra em uma sociedade racista, onde o corpo preto é diariamente posto à prova, no qual o racismo está presente no cotidiano de forma velada ou severa, dificulta a formação da identidade negra, já que o padrão predominante ainda hoje é branco.

O grande obstáculo do negro para a construção de uma identidade positiva é justamente o racismo que tem como seus efeitos o preconceito e a discriminação presente na sociedade brasileira, que inevitavelmente desde muito cedo se faz presente no cotidiano e no imaginário do sujeito negro, fazendo com que o sentimento de inferioridade seja internalizado nas crianças negras, essa é uma das facetas do quanto o racismo é violento com esse grupo étnico-racial.

Do mesmo modo, a autora Neuza Santos Souza (1983), chama atenção quanto ao desejo do negro em embranquecer: “[...] O negro, no desejo de embranquecer, deseja, nada mais, nada menos, que sua própria extinção. Seu projeto é o de, no futuro, deixar de existir; sua aspiração é a de não ser ou não ter sido” (SOUZA, 1983, p.5).

Os impactos do racismo na construção da identidade negra, sobretudo em uma sociedade constituída como base no racismo estrutural que naturaliza atitudes repugnantes, no qual o preconceito e a discriminação são propulsores do racismo que ainda é uma grande ferida aberta que machuca e causa dores irreparáveis

A violência racista subtrai do sujeito a possibilidade de explorar e extrair do pensamento todo o infinito potencial de criatividade, beleza e prazer que ele é capaz de produzir. O pensamento do sujeito negro é um pensamento que se auto-restringe. Que delimita fronteiras mesquinhas à sua área de expansão e abrangência, em virtude do bloqueio imposto pela dor de refletir sobre a sua própria identidade (SOUZA, 1983, p.10).

O racismo é tão violento que faz o negro desacreditar no seu potencial, ou até mesmo duvidar da sua capacidade, fruto da baixa autoestima que internaliza no imaginário do negro. O racismo causa marcas irreparáveis, marcas negativas para quem é vítimas desse crime contra a dignidade humana e contra construção de uma identidade negra, no entanto, sobretudo a literatura infantil afro-brasileira é uma forma de recriar narrativas e consciência sobre si mesmo.

Ser negro é [...] tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (SOUZA, 1983, p.77).

Assim algumas literaturas infantis afro-brasileira ressignifica a imagem do negro o que valoriza e fortalece a construção da identidade negra das crianças nessa caminhada de torna-se negro, percebe-se que o conceito de identidade ainda é um conceito complexo que abrange fatores históricos, psicológico, cultural, político-ideológicos e raciais. Munanga (1988)

É indispensável a busca por uma educação antirracista visando a equidade, introduzindo de forma efetiva os ensinamentos afro-brasileiros em nossos currículos

escolares, sendo fundamental abordar a construção da identidade étnico-racial, para que possamos desfrutar de uma sociedade mais justa e igualitária.

Uma das características específicas das obras literárias para a infância são suas ilustrações que também são lidas como narrativas, sobretudo, nos livros de literatura infantil afro-brasileira. Com a finalidade de contribuir na formação identitária da criança negra, essas ilustrações são de extrema importância, pois exercem no imaginário da criança novas possibilidades, o que durante muito tempo lhes foram negadas, principalmente a oportunidade de se enxergar, perceber-se e criar novas perspectivas a respeito de si e de seu grupo étnico-racial.

Nesse sentido, a literatura infantil afro-brasileira vem timidamente ganhando seu espaço nas escolas e lares das crianças negras, o que proporciona para essas uma mudança de perspectiva, pois as histórias com representações negras positivas reforçam as potencialidades do povo negro e rompe, de certo modo, com o fetiche da branquidão que flutua na mente dos negros no decorrer das suas trajetórias

No que se refere à importância da literatura infantil para a reconstrução identitária da criança negra, a entrevistada Ana Fatima, que começou a divulgar seus textos desde de 2010 com contos e poemas publicados pela Fundação Cultural Palmares, é ativista do movimento negro, licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, atua também como editora sendo a principal mentora da editora Ereginga Educação, situada na capital baiana, Salvador que chega ao mercado editorial com a proposta de publicar obras literárias de autoria negra, destacando a representação e protagonismo negro na sociedade. A autora destaca, que na literatura infantil pode-se abordar situações variadas que vão da construção da autoestima a questões de ancestralidade e filosófica. Para ela no processo de criação do seu Terceiro livro, **Tunde e as aves misteriosas** (2020), afirma que,

Considerando que a criança, primeiro se identifica através da imagem, depois com o discurso, sendo ele direto ou indireto ou através dos símbolos, quando a criança passa a entender a história, ou ainda através da leitura feita por um adulto é nesse processo que vão passar por essa identidade cultural, linguística e filosófica ao se identificarem com as histórias.

Então é a partir dessa concepção, por exemplo, que abordo muito da espiritualidade, no livro **Tunde e as aves misteriosas**, no qual o menino conversa com o Baobá<sup>2</sup>, desse modo, novamente a gente ouve as vozes

---

<sup>2</sup> Baobá é uma árvore nativa da África, podendo chegar aproximadamente 9 metros de diâmetro e 30 metros de altura, vive em média mil anos, há diversas lendas africanas sobre a origem do baobá. Disponível em: <https://bityli.com/yvrKgR>. Acesso em: 29 de nov.2021.

ancestrais e no final da história ele traz a questão da Filosofia Ubuntu, muito presente entre os povos da parte sul do continente africano. A filosofia Ubuntu vai nos falar sobre essa ideia da coletividade. Na Filosofia Ubuntu, o indivíduo não existe sem a coletividade e, conseqüentemente, tudo que está atrelado ou envolvido com ele. Então, não posso me distanciar e pensar que, “eu sou o único”, “eu sou sozinho e vou me virar no mundo”. Diferente disso, eu só existo por que existiram outras pessoas antes de mim, existem outras pessoas que me fazem. Por isso, acredito que a construção da identidade parte desse lugar. É como falei: a criança tem que se ver na narrativa de forma positiva, pois é isso que vai influenciar na formação da identidade negra dessa criança. (Entrevista concedida em 03 de novembro de 2021)

Levando em consideração que durante muito tempo a literatura infantil trouxe como personagens de suas histórias apenas as representações do branco; o branco como o bom, o belo, o nobre o inteligente, desse modo, a criança negra era submetida a desejar um ideal de ego, construindo sua identidade projetada a partir de uma identificação muito diferente da realidade presente em seu corpo. Nesse sentido, a literatura produzida por Ana Fátima e outros autores atualmente, possibilitam, que a criança negra altere a percepção sobre si, no sentido de se identificar com os sua ancestralidade, o que pode proporcionar um processo de construção de identidade negra para as nossas crianças.

### **3.1 Literatura afro-brasileira e a construção da identidade de crianças negras**

Nossa sociedade foi constituída a partir da violência do racismo, através da institucionalização da escravidão à qual não se reconhecia a própria humanidade do escravizado. No pós-abolição o ex-escravizado passou a ser simplesmente “o negro”, a “negra”, o “preto”, a “preta”, denominações genéricas sempre reforçando que ser preto é ser ruim, é ser marginal, preguiçoso etc. Essas denominações carregam uma carga pejorativa atrelando às palavras negro e preto significados racistas como “ovelha negra”, “a coisa tá preta”, “serviço de preto”, “lista negra”, “magia negra”, “mercado negro”, etc. Diante dessa realidade, entende-se porque as crianças, sobretudo na escola, tendem a rejeitar uma identidade negra e da mesma forma a serem tratadas como negras.

Nesse sentido, ser negro/a ou preto/a é enfrentar as barreiras impostas pelo racismo que estrutura a nossa sociedade. É ver a sua identidade constantemente ser negada ou estereotipada. E por isso é muito difícil para uma criança enxergar-se como

negra, tendo em vista a associação dessa palavra com situações de inferioridade, menosprezo ou violência. O que urge ser ressignificada nos espaços escolares.

Em **A África na Escola Brasileira**: relatório do 1º Fórum Estadual sobre Ensino da História das Civilizações Africanas na Escola Pública, realizado há 30 anos, as educadoras e educadores, da época, já demonstravam preocupações com essa associação:

O uso pejorativo das palavras “negro” e “preto” tem efeitos psicológicos muito sérios para a pessoa dessa cor. “A própria definição dessas palavras, transcritas no dicionário de Aurélio Buarque de Holanda transmite o peso dessa identificação. Uma leitura atenta dos jornais revelará o uso diário de expressões como “lista negra”, “face negra”, “dias negros” e assim por diante. (RIO DE JANEIRO, 1991, p. 67).

E no que se refere à ressignificação do termo, para a professora Ana Célia Silva (1995, p. 44), “o [...] termo negro é carregado de conceitos e preconceitos. É carregado também de lembranças, de lutas na construção da identidade. O termo negro nos remete a sujeitos sociais históricos, a diversidades raciais e culturais”. Sabe-se que a luta do Movimento Negro é antiga e que existe a busca por ressignificar o uso das palavras em questão, no entanto, ainda nos dias atuais pessoas negras, principalmente aquelas com a pele menos escura, preferem ser chamadas de pardas, morenas, entre outros termos, na tentativa de se afastarem da sua negritude, por acreditarem que assim conseguirão escapar do racismo ao qual estão submetidas em todos os setores da sociedade brasileira.

Sabemos que é na infância que a criança começa a constituir suas noções identitárias e nesse sentido, a literatura infantil surge como forte aliada na construção de uma identidade positiva para as crianças negras é nessa perspectiva, que parte das histórias voltadas para o público infante buscam romper com os estereótipos que marcaram o início da literatura infantil no Brasil. Para Ione da Silva Jovino,

[...] São obras que apresentam personagens negros em situações do cotidiano, resistindo e enfrentando, de diversas formas, o preconceito e a discriminação, resgatando sua identidade racial, representando papéis e funções sociais diferentes, valorizando as mitologias, as religiões e a tradição oral africana (JOVINO, 2006, p.188).

Nessas histórias a imagem do negro e sua cultura passaram a ser ressignificadas e valorizadas. Atualmente, encontramos adaptações na literatura afro-brasileira, obras de tradições orais de origem africana, nas quais os personagens são representados como protagonistas das suas histórias.

Não obstante esses avanços, surge também nesse período um debate sobre o que vem a ser uma literatura afro-brasileira, tendo em vista que os personagens negros já apareciam nas histórias infantis até mesmo antes das obras de Monteiro Lobato.

Segundo Luiz Silva, pseudônimo do escritor Cuti (2010), não há entre os escritores de literatura negra ou afro-brasileira um consenso ao que diz respeito ao uso da denominação dessas produções literárias, sendo a literatura infantil ou até mesmo a literatura para adultos. Ainda segundo Cuti (2010, p. 33) “[...] a denominação de um recorte da literatura traz em si propósitos diversos” dando assim, uma caracterização ao tipo de literatura que está sendo abordada, o que pode ser realizada através de aspectos que as assemelham, isso no que refere a literatura para adultos.

Já para Maria da Conceição Evaristo (2015)<sup>3</sup> a Literatura negra ou afro-brasileira corresponde a uma produção literária no qual tanto o sujeito, quanto o objeto da escrita são os sujeitos negros, que cria a partir de suas subjetividades negra. O que a diferencia, desse modo, da literatura canônica eurocêntrica. A literatura negra ou afro-brasileira está intrinsecamente ligada a subjetividade do sujeito que a escreve, pois quando se trata da literatura negra, sabe-se, que tanto o sujeito quanto o objeto da escrita possuem um olhar diferenciado a partir de suas vivências.

Ainda no que se refere a essa subjetividade na produção literária e a quem se destina essa literatura afro-brasileira, Cuti afirma que:

A produção literária de negros e brancos, abordando as questões atinentes às relações inter-raciais, tem vieses diferentes por conta da subjetividade que a sustenta, em outras palavras, pelo lugar socioideológico de onde esses produzem (CUTI, 2010, p. 33)

Nesse mesmo tema, ou seja, sobre a definição do que vem a ser uma produção literária afro-brasileira, entrevistei a jovem escritora Ana Fátima, no qual definiu suas obras da seguinte forma:

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida ao programa Conexão Futura, da TV Cultura, com o tema literatura afro-brasileira em 08 de set. de 2015. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=oc-GF\\_n9Vvk](https://www.youtube.com/watch?v=oc-GF_n9Vvk)>. Acesso em: 27 de junho de 2021.

Denomino minha literatura com negro-brasileira, utilizo o conceito de Cuti, desse meu lugar que tenho consciência, sou um corpo africano fora de África, estou nessa diáspora tenho todas influencias desse tramite sócio-histórico, mas eu mantenho a base dos meus ancestrais, então eu me reconheço um corpo negro na diáspora brasileira, então literatura negro-brasileira (Entrevista concedida em 28 de Outubro de 2021)

Aqui percebemos que Ana Fátima problematiza o conceito incorporando a expressão negro-brasileiro defendida pelo escritor Cuti (2010) o que constitui uma nova perspectiva vinda de alguém que transita nesse campo seja como professora, escritora, editora e mãe de crianças negras. É esse olhar da escritora negra que passa a ser autora das suas próprias histórias de suma importância para a formação das identidades da criança negra, que busca se reconhecer com os personagens de forma positiva e não caricata como ocorreu durante muito tempo na literatura infantil.

Ainda para Ana Fátima, autora do livro **As tranças da minha mãe** (2018), a necessidade da produção de uma literatura que se identificasse com a sua história, com a sua memória e com o seu legado civilizatório se deu por diversos motivos, mas, sobretudo, após o nascimento do seu primeiro filho e da relação que estabelecia com ele ainda do ventre, após o seu nascimento e, posteriormente, com o seu desenvolvimento. Segundo a escritora:

A partir do nascimento do meu primeiro filho [...] o que reacendeu em mim um desejo antigo de escrever livros. Então quando meu primeiro filho nasceu me vi diante dessa novidade, contemplada pelo amor e afeto, veio-me, justamente, todas aquelas cientistas, intelectuais da área de educação como: Nilma Lino Gomes, Heloísa Pires Lima e Ana Célia da Silva que é uma das minhas principais referências, que fala como a gente deve enunciar para as crianças (Entrevista em 03 de novembro de 2021)

No que diz respeito às subjetividades e as teorias que apontam que o processo de construção das identidades ocorre com a tomada de consciência das diferenças entre o “nós” e o “outro”, podendo iniciar ainda na infância, nossa entrevistada afirma que:

Outro ponto que também considere relevante são as teorias que afirmam que a criança escuta e são influenciadas desde quando estão na barriga da mãe, e que, quando nasce, conhece aquela voz e aquele contexto, eu passei a fazer isso com meu filho, além de contação de histórias de autoria negra, com protagonismo de pessoas negras, seja de origem africana ou aqui da diáspora, eu me vi provocada a escrever para ele, para que futuramente quando ele ler ou ouvir essas narrativas, sinta orgulho de toda a história de nosso povo, nosso povo preto, e assim nasce o meu primeiro livro infantil, **As tranças da minha mãe**. (entrevista em 03 de novembro de 2021 ).

Para Cuti (2010) esse grau de consciência mencionado anteriormente não é idêntico para todos. O que vai depender muito do contexto sociocultural em que essa

criança está inserida como aponta a entrevistada. É também esse olhar o que dá veracidade a essas produções, é se ver pela perspectiva dos seus. Do mesmo modo, Eliane Santana Dias Debus (2017) afirma que:

Se ler o outro e sobre o outro tem importância fundamental na formação leitora do indivíduo, o contato com textos literários, que apresentam personagens em diferentes contextos, ou a existência de escritores oriundos de diferentes contextos permite uma visão ampla do mundo. Desse modo, a literatura negra ou afro-brasileira e/ou a temática da cultura africana e afro-brasileira se faz imprescindível (DEBUS, 2017, p.22).

Dessa forma, a referida autora evidencia não apenas a importância de ler o outro, mas sobretudo o que representa a literatura negra e afro-brasileira especialmente para as crianças e jovens, o quanto essas produções são indispensáveis, não somente na formação do sujeito leitor, como na possibilidade de vislumbrar novos horizontes.

Como efeito, não há um consenso no que diz respeito a denominação dessas produções, no entanto, sabe-se que a história do povo negro, assim como os próprios escritores negros foram silenciados durante muito tempo ou até mesmo sofreram com o processo de branqueamento da sociedade brasileira.

Por isso, se faz necessário entender a necessidade e urgência de dar “[...] visibilidade a essa produção, por acreditar que a literatura pode problematizar reflexões sobre práticas antirracistas para o universo da infância, seja no espaço escolar, seja em outros espaços socioeducativos” (DEBUS, 2017, p. 19).

A presença da literatura afro-brasileira ou literatura negro-brasileira como denomina Ana Fátima fazendo referência Cuti (2010), torna-se cada vez mais indispensável para as crianças e jovens em processo de formação de suas identidades, nas escolas essas obras podem surgir como práticas pedagógicas antirracista, que favoreça a consolidação de uma identidade negra positiva contribuindo também com a autoestima dessas crianças, diante do exposto a discussão acerca da importância da literatura afro-brasileira na contemporaneidade é necessária e busca favorecer também ao aumento de publicações dessas obras literárias, para que crianças pais e professores possam encontrar maior variedade de livros.

#### **4 LEGISLAÇÃO ANTIRRACISTA, LITERATURA INFANTIL E MERCADO EDITORIAL**

Sabe-se que, educação em nosso país, historicamente, foi centrada em valores civilizatórios de base eurocêntrica, relegando às culturas de base africana e ameríndia estereótipos e preconceitos. Nos livros didáticos como nos livros de literatura infantil essa representação quase sempre vigeu como norma. Contando com poucas referências positivas nas histórias que nos eram contadas. Normalmente as crianças tinham como referência da história do seu povo apenas o passado escravista.

Foi a partir dessa realidade que os movimentos sociais, principalmente o movimento negro através de uma antiga e duradora luta, seja do ponto de vista da intervenção social ou através dos marcos legislativos. Ou seja, a inclusão dos assuntos africanos e afro-brasileiros em nossos currículos é resultado de anos de reivindicação feitas pelos movimentos negros, com o objetivo de que a criança negra não tenha como referência da história do seu povo apenas o passado escravista, mas que possa perceber por meio das representações que podemos ocupar todos os espaços, os âmbitos sociais, econômico, político etc.

A Lei Nº 10.639 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Nº 9.394/1996 estabelecendo no Art. 26-A que, “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”. Já o Art. 79-B estabelece que: “O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia da consciência negra’”. (BRASIL. Lei nº 10.639/2003 de janeiro de 2003). No entanto, o que é observável nas escolas é que esse o que propõe a lei está muito aquém do estabelecido, pois, infelizmente em uma sociedade em que o racismo institucional ainda se faz presente, direitos básicos não são respeitados. Conforme aponta Eliane Cavalleiro:

Por causa do racismo ainda existente no Brasil, muitos direitos não têm sido respeitados: direito ao trabalho, à permanência na escola, moradia digna etc., o que em muitos momentos põe em xeque a democracia brasileira. Ideologias, estereótipos e práticas discriminatórias continuam influenciando nossa realidade (CAVALLEIRO,2001, p. 142).

No que diz respeito ao racismo e a garantia dos direitos na educação é necessário haver uma quebra de paradigmas e a educação das crianças e jovens precisa estar adequada à sociedade em que elas estão inseridas, pois estão em processo de formação de suas identidades e, nesse sentido, a literatura infantil em que essas crianças sejam representadas de forma positiva, bem como a história do negro brasileiro dialogue com a história africana a exemplo das civilizações egípcias, dentre outras que devem ser apresentados de forma positiva em nossas falas e em nossos livros.

A Lei nº 10.639/2003 possibilitou, de certo modo, que os negros/as deixassem de ser objeto de estudo e passassem a ser autores das suas próprias histórias. Além disso, com a sanção da Lei nº 10.639/2003 tornou-se obrigatória a inclusão na Educação Básica, que corresponde a educação infantil, ensino fundamental e médio, a história da África e da cultura afro-brasileira, o que de certo modo multiplicou as publicações de livros atinentes às relações étnico-raciais.

A sanção da Lei 10.639/2003 significou um avanço no que se refere ao surgimento de uma produção literária voltada para o público infantil e infanto-juvenil. Porém, a Lei também permitiu que o mercado editorial se lançasse na produção de materiais didáticos produzidos por pessoas que estavam mais preocupadas com o lucro do que com a qualidade do que se deveria publicar.

Um exemplo que podemos mencionar foi o ocorrido recentemente pela editora Companhia das Letras, ao manter em seu catálogo desde 2015 o livro intitulado **Abecê da liberdade**: a história de Luiz Gama o menino que quebrou correntes com palavras, escrito por José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, com edição ilustrada por Edu Oliveira destinado ao público infanto-juvenil.

Através de uma escrita carregada de racismo o leitor é levado a embarcar em uma viagem ilusória, com um grupo de crianças negras, no qual o menino Luiz Gama é o protagonista e narrador da história, durante trecho do livro o personagem principal afirma que a travessia pelo Atlântico em um porão de um navio negreiro foi tranquila, que no início da viagem as crianças estavam triste, o que mudou após algumas conversas e brincadeiras como, pula corda com as correntes, as mesmas correntes que os mentiam presos, ainda achava graça da brincadeira escravo de Jó, ao afirmar que, o mais engraçado é que eles seriam realmente vendidos como escravos para trabalhar de graça para pessoas brancas (PIMENTA; TORERO, 2020, n.p.).

É notório que essa literatura além de romantizar o período escravocrata, a obra voltada para o público infantil que está em processo de construção de suas identidades, minimiza a dor e o sofrimento vivido pelas populações negras escravizados durante trezentos e cinquenta e oito anos (1530-1888), constituindo-se como um dos maiores massacres da história da humanidade, que deixou feridas abertas até os dias atuais. O livro perpetua um olhar perverso e cruel ao menosprezar um período marcado pela crueldade de um grupo racializado tido com superior, em detrimento de outro, considerado inferior e que teve a sua humanidade negada.

Após varais críticas de leitores e estudiosos, a editora se posicionou no seu *blog*<sup>4</sup> da seguinte forma.

Nós erramos. Assumimos totalmente nossa falha em ter mantido no catálogo a obra *Abecê da liberdade*. Encaminhamos um projeto para que todo o catálogo infanto juvenil seja lido por grupos de profissionais dedicados à análise sensível. Também estamos reforçando nossas ações de compromisso com a pauta antirracista e analisando novas iniciativas que possam ser incorporadas ao Grupo Companhia das Letras. Concordamos que a obra *Abecê da liberdade* apresenta erros e problemas, como vocês nos apontaram. Sentimos muito pelo ocorrido e lamentamos profundamente. Quando percebemos o nosso erro grave, imediatamente disparamos o processo de recolhimento dos livros do mercado. Seguimos certos de que a atitude antirracista é o caminho correto e continuaremos cotidianamente reafirmando esse valor com nossas publicações. Agradecemos as manifestações vindas do público e da imprensa, que foram fundamentais para nosso processo de amadurecimento. Seguimos sempre abertos para o diálogo. É preciso reconhecer erros e esse foi um erro grave (CIA DAS LETRAS, 2021, n.p.)

Após as críticas, editora buscou informar o que ocorreu durante o processo de ter em seu catálogo uma obra literária durante tanto tempo, aproximadamente seis anos, abarcando um conteúdo tão racista.

O livro *Abecê da liberdade* de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta foi originalmente publicado pelo selo Alfaguara e automaticamente incorporado, sem leitura, ao catálogo da Companhia das Letrinhas quando a editora Objetiva foi adquirida pelo Grupo, em 2015. Quando nosso sistema detecta falta no estoque, as reimpressões são feitas de forma automática. Não tínhamos processos sistemáticos para releitura de títulos antigos, que pudessem impedir que livros incompatíveis com nossos valores fossem relançados automaticamente. A obra em questão não passou por revisão e voltou a ser comercializada em 2020. É uma falha processual grave, que já começou a ser corrigida. Essas falhas não minimizam o erro. Nós erramos. O livro está fora de catálogo e não voltará a ser comercializado pela editora. Iniciamos a revisão dos nossos processos de reimpressão para que todos os títulos sejam relidos imediatamente (CIA DAS LETRAS, 2021, n.p.).

---

<sup>4</sup> Blog companhia das letras. São Paulo, SP, 17 de set. 2021. Disponível em: <https://shortest.link/1Pnp>. Acesso em: 17 set. de 2021.

Aqui se evidencia a visão meramente comercial da Empresa. Inexistindo qualquer compromisso em avaliar as produções externas que são incorporadas ao seu catálogo. Nesse caso a obra em discussão tinha um cunho racista, mas se fosse antissemita, será que seria publicada nos mesmos termos? Mas sigamos na transcrição que, apesar de longa, faz-se necessária para entendermos o posicionamento da Editora Companhia das Letras:

Considerando as críticas positivas e oportunas, imediatamente bloqueamos a venda do título para livrarias e distribuidores desde o dia 03/09/2021. Solicitamos a devolução imediata dos exemplares que se encontravam nas livrarias físicas e online. O título está fora de catálogo e não voltará a ser comercializado pela editora. Seguimos certos da potência da literatura para o debate público. Continuaremos cotidianamente reafirmando valores alinhados à luta antirracista em nossas publicações e construindo novas ações efetivas e duradouras, que incluem, entre outras, a formação de comitês de diversidade para editarem e revisarem nossas publicações. (CIA DAS LETRAS, 2021, n.p.).

Conforme a retratação da editora, observa-se que a mesma admite o erro, no entanto, acredito que esse tipo de falha não deva ocorrer em pleno século XXI, em meio a tantas discussões pautadas nas questões étnico-raciais e a forte atuação do movimento negro. Não me refiro aqui, apenas aos tramites no processo editorial como salientou a editora durante seu posicionamento, mas ao próprio conteúdo do livro, a forma como uma temática tão delicada foi abordada pelos autores de um livro dedicado a infância, autores esses brancos.

Enfim, é como afirma (CUTI, 2010, p. 87) “A literatura negro-brasileira surge para os leitores como uma singular oportunidade de reflexão relativa às suas convicções e fantasias pessoais. A subjetividade negra é intransferível, mas ela é comunicante pela semelhança de seu conteúdo humano”. Certamente os autores brancos, mesmo quando aliados, carecem dessa subjetividade. Já aqueles que visam apenas o lucro através de um Mercado Editorial que se propõe a contemplar a diversidade brasileira, serão sempre “traídos” pelos seus *racismos à brasileira*.

Nesse caso específico do livro **Abecê da liberdade** fica evidente o quanto a subjetividade negra é intransferível, o quanto esses autores erraram ao escrever um livro, menosprezando os efeitos de uma experiência traumatizante da nossa história, no qual seres humanos foram comprados e vendidos como escravizados, tendo sua subjetividade coisificada. Portanto, em suma, faltou respeito e um olhar crítico de pessoas que acreditam que pode escrever sobre o tema. É verdade que não cabe apenas às pessoas negras escrever sobre o tema, tendo em vista que essa luta

também deve ser de todas as pessoas independentes do seu pertencimento étnico-racial, por serem os maiores beneficiados por manter a estrutura colonial e racista que engrena a sociedade brasileira.

Sobre a relação com as editoras, a escritora e proprietária da editora Ereginga Educação, Ana Fátima ressalta que:

As editoras podem sim, ter interesse, não tem como determinar isso. A minha editora a Ereginga Educação, está interessada e comprometida com a luta antirracista. Em primeiro lugar, exaltando a nossa identidade, nós nos autoconhecendo como personas negras no mundo. Uma outra questão diante dessa situação da crescente procura por essa literatura, tem a ver com o mercado. O mercado está dizendo: "olha está sendo interessante falar de preto". E nós entendemos que preto falando de preto é o que de fato garante o sucesso dessa literatura. (Entrevista Concedida em 03 de novembro de 2021).

E Ana Fátima cita exemplos de como autoras e autores negros publicam com qualidade e comprometimento com a luta antirracista em nosso país:

Observem Ryane Leão, na literatura adulta falando sobre o desejo de uma mulher preta e esse obra virou Best-seller. A própria Djamilia Ribeiro com o Selo Negro Edições. E na literatura infantil, o Lazaro Ramos, não necessariamente começou falando dessas questões raciais, mas trouxe referências de uma coletividade negra, com a fala dos mais velhos no seu primeiro livro para o público infantil Edith e a velha sentada, essa avó que conta histórias e a menina vai imaginando aventuras a partir disso. Logo depois vem o livro Caderno de Rima do João, no qual, referências que o João cita durante a narrativa, tanto na literatura, quanto na música e no esporte são referências negras e o personagem também é negro. Portanto, isso vai formando na nossa mente que nossas referências, nossas principais composições de vida de inspiração e de arte têm bases negras, vivência e raiz negra, eu devo naturalizar isso, colocar na nossa literatura. Se isso vende bem, vamos procurar colocar mais no mercado. Desse modo, algumas editoras devem ter visto que era sim, uma atração lucrativa no mercado, porem devem existir as que querem de fato ter mais autoria negra que estão preocupadas e comprometidas com a luta antirracista como por exemplo a Ciclo Contínuo Editorial, a Editora Segundo Selo, a Malê Editora, a Mazza edições, a Nandyala e, evidentemente, a Ereginga Educação que já tinha algum conhecimento de escritores e escritoras que trabalhavam nessa vertente e só queriam coloca-los em evidência. (Entrevista concedida em 03 de novembro de 2021).

É importante destacar que apesar dos avanços e conquistas alcançados com um longo processo de luta do Movimento Negro, com a implementação da Lei nº 10.639/2003, ainda se faz necessário a reflexão acerca das práticas pedagógicas adotadas em sala de aula. Como destaca a entrevistada:

Infelizmente a implementação da Lei 10.639/2003 ainda é muito relativizada nos espaços educativos, se tratando de escola, da Educação Básica, essa implementação passa pela subjetividade dos educadores. Por exemplo, eu estava na escola e meus alunos de 6º ano criticaram o professor de Filosofia por só estudar Sócrates. Eu disse pra eles, concordo com vocês. Vão estudar na internet, tem vários filósofos de base africana pesquisem: Cheikh Anta Diop, Molefi Kete Asante, Ama Mazama, podem estudar também Katiúscia Ribeiro, Renato Nogueira, Abdias Nascimento, tanta gente, e os professores ficam presos à Grécia, nisso eu estou provocando-os, dizendo que existem outros nomes, outras histórias. Eu não sei necessariamente se esses professores estão ou não fazendo essa inclusão, para os alunos estarem criticando. Mas o que de fato eu vejo são referências eurocêntricas, brancocentricos. O que parece, é que esses professores estão realmente fora do cenário, que deveria existir, que é perceber onde estão as vozes negras, as bases africanas e diaspóricas negras nesse processo da construção do conhecimento, das certezas, das verdades, e a filosofia é isso.

Estou dando apenas um exemplo, quando se trata de matemática também questiono o uso de Pitágoras (que morou na África durante muito tempo) e pegou as bases dos egípcios e diz que são os princípios dele. Então, estamos falando de uma implementação de algo que está aí, que já tem estudos demonstrado a participação, a construção africana e a diáspora negra no conhecimento epistêmico, ontológico, temos tudo isso, mas é muito mais cômodo permanecer nas referências brancocêntricas. não ter o trabalho de se questionar, tá no livro, no entanto às vezes o livro também não está atualizado e esse professor prefere permanecer na zona de conforto, por negligencia, por racismo epistêmico e comodismo, não exaltar e efetivar a lei 10.639/2003 na educação básica. (Entrevista concedida em 03 de novembro de 2021).

Percebe-se que apesar da luta do Movimento Negro, que vem durante muito tempo apontando a importância da inserção dos debates acerca da temática das relações étnico-raciais, sobretudo no âmbito escolar, oportunizando as futuras gerações a conhecer o outro lado da história do seu povo, tanto sobre África como as contribuições dos negros na diáspora, na busca do respeito e da equidade racial em uma sociedade ainda tão injusta. É notório na fala da entrevistada que ainda há necessidade de reflexões acerca das práticas pedagógicas adotadas por alguns educadores, é evidente que ainda existe resistência ou até mesmo falta de conhecimento, não apenas por parte dos professores, mas até mesmo pelas famílias. Isto é, mesmo após os 18 anos da Lei 10.639/2003 e dos avanços, ainda existem barreiras que precisam ser superadas para a sua efetivação.

## CONSIDERAÇÕES

A literatura infantil exerce grande influência na educação das crianças, sobretudo a literatura afro-brasileira por exercer um papel fundamental no imaginário desses leitores, fortalecendo valores que possibilitam para as crianças negras, criar e recrie através da imagem afirmativa dos seus pares uma identidade positiva. A literatura utilizada pelos professores deve refletir a sociedade em que vivemos, por tanto, a literatura que se orienta para as questões étnico-raciais é de extrema importância para a infância, tanto no espaço escolar como fora dele. Buscando promover reflexões, de combate ao racismo e fomentar práticas antirracista, através do reconhecimento da diversidade étnico-racial presente no país.

Assim, além de propiciar às crianças o reconhecimento do potencial do seu povo, conhecer outro ponto de vista de uma história, que durante muito tempo nos foi negada, essas narrativas viabilizam que a criança possa se ver através dos seus, de quem conhece suas subjetividades. As obras de literatura afro-brasileira ou negro-brasileira que buscam romper com a imagem estereotipada do negro, que foi perpetuada durante muito tempo, e que até hoje está internalizado no imaginário de adultos e crianças que cresce reproduzindo atitudes negativas e até mesmo racista.

O racismo deixa marcas em todos os envolvidos, não apenas no sujeito negro vítima dessa violência, mas também do branco que tem em seu inconsciente introjetado a ideia de superioridade, sendo muito mais cruel com as pessoas negras por ter seu processo identitário prejudicado por tanta maldade. Para Munanga:

Para se contrapor ao racismo faz se necessário a construção de estratégias, praticas movimentos e políticas antirracistas concretas. É importante, também, uma releitura histórica, sociológica, antropológica e pedagógica que compreenda, valorize e reconheça a humanidade, o potencial emancipatório e contestador do povo negro no Brasil e a nossa ascendência africana (MUNANGA, 2020, p.8).

A luta contra o racismo, as desigualdades raciais, assim como, a afirmação e construção da identidade negra, são processos complexos que precisam ser trabalhados com consistência e comprometimento por todo a comunidade escolar, e sobretudo, por todos. A literatura infantil afro-brasileira e suas representações

simbólicas possibilitam experiências que só tem a agregar no processo de formação da identidade da criança negra.

O cenário pandêmico em que nos encontramos impossibilitou a ida ao *locus da* pesquisa, o que agregaria outras possibilidades com a observação participante, ao até mesmo uma roda de conversa com as crianças em sala de aula a respeito da literatura que a elas são ofertadas, entrevistar mais educadores, principalmente da educação infantil, o que pode ser concretizado em futuras produções.

Motivada por acreditar na necessidade de se trabalhar desde a tenra idade, assim dizendo, nas séries iniciais as relações étnico-raciais, e vendo a possibilidade que nós professoras/es temos em atrelar a temática com uma literatura infantil, que contribua com a formação identitária da criança negra, por entender a complexidade que é ter essa identidade construída em uma sociedade, no qual o padrão de beleza branco, eurocêntrico, desconsidera as características física dos negros, gerando nesses um complexo de inferioridade e o desejo de embranquecer. A literatura infantil afro-brasileira, comprometida com a luta antirracista, assim como a literatura negro-brasileira podem contribuir de forma positiva na construção da identidade da criança negra, como foi visto no decorrer da pesquisa.

Do ponto de vista social, a relevância do estudo desenvolvido se dá por considerar o tema de suma relevância para toda sociedade, tendo em vista, que as professoras/es devem contribuir para quebrar de paradigmas ainda presente no ambiente escolar, em outras palavras, romper com um processo de opressão e exclusão muitas vezes alimentado nas salas de aulas, por meio do silenciamento desses profissionais.

Esse Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo demonstrar as contribuições da literatura afro-brasileira no processo de formação da identidade étnico-racial da criança negra. Objetivo alcançado, através da entrevista com Ana Fátima, mulher, negra, mãe, escritora, editora, entre suas tantas identidades, a educadora comprometida com o enfrentamento ao racismo, por meio das suas obras literárias voltadas para a valorização da ancestralidade negra e construção de uma identidade negra positiva.

Tendo como objetivos específicos, o relato da trajetória da literatura infantil afro-Brasileira, abordando desde o seu início em um contexto histórico, que não favorecia a construção da identidade da criança negra, até a contemporaneidade, no qual podemos encontrar obras que apresentam grandes contribuições na valorização da

diversidade étnico-racial e no combate ao racismo. Durante essa produção também conseguimos identificar as possíveis conquistas e entraves após os 18 anos da lei 10.639/03. Mesmo sabendo que a luta pela conquista de espaço para as literaturas voltadas para as discussões acerca das relações étnico-raciais dentro do espaço escolar e fora dele é uma luta árdua que enfrenta muitas barreiras.

Esse trabalho buscou contribuir na reflexão da construção da identidade da criança negra, sobretudo no espaço escolar, através de uma literatura que valoriza a história e contribuição do povo negro na nossa sociedade, ampliando o debate sobre essas produções literárias, principalmente das escritas pelo sujeito negro que tem sua subjetividade intrasferível. Os objetivos alcançados e as reflexões feitas até aqui, não esgotam ou finaliza-se o tema, afinal precisamos colocar o ponto final no texto, mas não na pesquisa. Desse modo, esta foi apenas minha contribuição para um pequeno progresso em um grande campo a explorar. Espera-se, que esta pesquisa ajude outros docentes e estudantes a lidar com o complexo processo de construção de identidades, em uma sociedade tão plural como o Brasil.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Ana Elisa Spaolonzi Queiroz (org.). **Educação e pandemia**: outras ou refinadas formas de exclusão? Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 37, p. 1-10, 21 maio 2021.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: SECAD/MEC, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, 1996.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

CARONE, Iray; Bento, Maria Aparecida Silva (Orgs.) **Psicologia Social do Racismo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARVALHO, Luis Osete Ribeiro. DUARTE, Francisco Ricardo. MENEZES, Afonso Henrique Novaes. SOUZA Tito Eugênio Santos [et al.]. **Metodologia científica**: teoria e aplicação na educação a distância – Petrolina-PE, 2019

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e antirracismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro; Summus, 2001.

CIA DAS LETRAS, Editora. **Sobre o livro Abecê da liberdade**, 2021. Disponível em <<https://shortest.link/1Pnp>>. Acesso em: 17 set. de 2021.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: Teoria, Análise, Didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil e juvenil**. Das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. 5 ed., Barueri: Manole, 2010.

COUTO, Edvaldo Souza; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães Porto. #FIQUEEMCASA: educação na pandemia da covid-19. **Interfaces Científicas - Educação**, [S.L.], v. 8, n. 3, p. 200-217, 8 maio 2020. Universidade Tiradentes.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DEBUS, ELIANE. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Cortez. 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: BRASIL. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 39-62

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. 64 p.

JESUS, Sonia Regina Rosa de Oliveira Dias de **A literatura infantil afro-brasileira como letramento racial e fortalecimento das identidades negras: uma narrativa autobiográfica**. Dissertação. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2019.

JOVINO, Ione da Silva. **Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil**. In. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). Literatura Afro-Brasileira. Centro de Estudos Afro- Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LACERDA, Ana; RAMALHO, Laís. **Guia de Pesquisa na quarentena: obstáculos e possibilidades para as ciências humanas e sociais em isolamento social**. Laboratório de Humanidades Digitais (dhlab) da PUC-Rio e Laboratório de Metodologia (LabMet) do Instituto de Relações Internacionais (IRI)/PUC-Rio (digital), 2020.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira: história e histórias**. 6ª edição. São Paulo: Ática, 2007.

LOBATO, Monteiro. **Histórias da Tia Nastácia**. São Paulo: Brasiliense, Brasília: 1995, 32ª edição (1ª edição: 1937)

MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARINHEIRO, Edwylson; MOURA, Simone e PERES, Fabiana. **A literatura infantil na formação da identidade da criança**. Revista eletrônica pro-docência. uel.Edição no. 1, Vol.1, jan-jun.2012.

MARIOSIA, G.; REIS, M. **A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças**. Londrina, Vagão-volume 8 parte A, p. 42-53, dez.2011.

MUNANGA, Kabengele. **Construção da identidade negra**: diversidade de contextos e problemas ideológicos: In CONSORTE, Josildeth Gomes; COSTA, Márcia Regina da (Orgs.). *Religião, política, identidade*. São Paulo: Educ-series Cadernos Puc, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 4. ed. 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: Identidade nacional versus identidade negra. 5. ed. rev. amp.; 2. Belo Horizonte: Autêntica. Coleção Cultura Negra e Identidades, 2020.

REIS, Diego dos Santos Reis D. dos S. **Coronavírus e desigualdades educacionais**: reposicionando o debate. *Olhar de Professor*, [S.l.], v. 23, p. 1-5, 2020. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

RIO DE JANEIRO. Governo do Estado. **A África na escola**: relatório do I Fórum Estadual sobre o ensino da História das Civilizações Africanas na Escola Pública. Rio de Janeiro, 1991.

SANTOS, A. F. C. **As tranças de minha mãe**. 1ª ed. São Paulo: Uirapuru, 2018.

SANTOS, A. F. C. **Makeba vai à escola**. 1ª ed. Salvador: Cogito, 2019.

SANTOS, A. F. C. **Tunde e as aves misteriosas**. 1ª ed. Salvador: Erejinga Educação, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo, Cia. das Letras, 1993.

SILVA, Ana Célia. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: CEAO/CED, 1995.

SILVA, Erica Bastos; SILVA, Núbia N. Borges; SILVA, Patrícia de Jesus, **Protagonistas negros na literatura infantil brasileira**: breve histórico e perspectivas Contemporânea. *Revista Humanidades e Inovação* v.7, n.22 – 2020.

SOUZA, Forentina; LIMA, Maria Nazaré (org.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudo Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TORERO, Jose Roberto; PIMENTA, Marcus Aurelius. **Abece Da Liberdade: a história de Luiz Gama, o menino que quebrou corrente com palavras**. [S.l.]: Companhia das Letrinhas, 2020.

## APÊNDICE

### ROTEIRO DA ENTREVISTA

Dados Pessoais:

Nome:

Idade:

Naturalidade:

Cor:

Formação:

1. Quando despertou em você o interesse de escrever uma literatura voltada para a criança?
2. Qual o papel da subjetividade negra no processo de criação das suas obras?
3. Qual a importância do mercado editorial nesse processo?
4. Com a Lei 10.639/03 houve um aumento na procura por uma literatura voltada para as discussões das relações étnico-raciais, você acredita que as editoras estão realmente preocupadas e comprometidas com a luta antirracista?
5. No seu ponto de vista, de qual forma a literatura infantil afro-brasileira pode contribuir na formação de uma identidade negra positiva?
6. Como você percebe a recepção da literatura afro-brasileira por parte das crianças, há alguma resistência ou aversão aos personagens negros?

7. Em sua opinião as crianças reproduzem comportamentos racistas? Quais?
8. A aplicação da Lei 10.639/2003 consegue ser efetiva na escola em que você trabalha ou ainda está presente apenas em suas práticas pedagógica?
9. Como você denomina as suas produções literárias?